



## **Algumas mulheres de Ferreira de Castro**

**José Carlos Soares**

Centro de Estudos Ferreira de Castro

### **Resumo**

A civilização ocidental construiu-se assente em padrões masculinos, muito devido ao pensamento clássico e judaico, e tendo por base a ideia de que a maldade e o perigo são inerentes à mulher. Para a eternização desta mentalidade muito contribuíram os homens que salvaguardavam, desse modo, os seus privilégios. Apesar dos movimentos feministas do início do séc. XX, a situação social da mulher nesse período pouco se alterou, e as mulheres de Ferreira de Castro, isto é, as personagens femininas dos seus romances, correspondem realisticamente aos padrões da época. Este artigo tenta analisar alguns desses tipos.

**Palavras-chave:** Mulheres, personagens, tipos, sociabilidade, feminismo.

### **Abstract**

Western civilisation was built on masculine standards, largely due to classical and Jewish thinking, and based on the idea that evil and danger are inherent to women. Men contributed greatly to the eternalisation of this mentality, thereby safeguarding their privileges. Despite the feminist movements of the early 20th century, the social situation of women in this period remained virtually unchanged, and Ferreira de Castro's women, i.e. the female characters in his novels, realistically correspond to the standards of the time. This article attempts to analyse some of these types.

**Keywords:** Women, characters, types, sociability, feminism.

## 1. Introdução

A civilização ocidental construiu-se desde muito cedo assente em padrões masculinos, antes de tudo porque eram os homens que com a força defendiam os territórios e, depois, porque foram vertendo essa capacidade em poder legítimo.

Outra razão, porém, e que emana do pensamento clássico e judaico, está na base desta construção: a ideia de que a maldade e o perigo são inerentes à mulher. É Pandora que abre a caixa com todos os males e que se espalham pelo mundo; é Eva que come a maçã da árvore da sabedoria e que expulsa o Homem do Paraíso. Na base deste pensamento, está, com certeza, também o mistério da sexualidade, que fazia da mulher um ser estranho, incompreensível, obscuro, e que, por isso, provocava o medo e o conseqüente desprezo. Partindo desse pressuposto, ela passa a ser considerada um ser inferior, que não possui capacidades físicas e intelectuais equivalentes às do Homem<sup>1</sup>.

Esta mentalidade, passada pelo discurso normativo cristão, atravessou toda a Idade Média e chegou aos nossos tempos. Nas Ordenações Filipinas, consagrava-se por lei a «*fraqueza do entender das mulheres*»<sup>2</sup>; e, num dos seus escritos, o P.<sup>o</sup> António Vieira nega-lhes a capacidade do entendimento<sup>3</sup>.

No séc. XVIII continuava a proibir-se o convívio entre homens e mulheres e a necessidade absoluta da clausura feminina para possibilitar essa mesma «*segregação sexual*», como afirma Maria Lopes, que confinava a mulher a dois espaços: a casa familiar e o convento<sup>4</sup>. E é assim que, ao longo dos séculos, as mulheres, se desejavam ter sucesso, ou se travestiam (como Mary Read ou Joana d’Arc) ou assumiam pseudónimos masculinos (como George Eliot ou George Sand). Ou então tornavam-se viúvas: «*por detrás de quase todas as mulheres que alcançaram o poder antes do séc. XX há um marido morto*»<sup>5</sup>, afirma não sem algum humor Rosa Montero.

Para a eternização desta mentalidade, para além de um entendimento primitivo da Bíblia, segundo Maria Alfreda Cruz, muito contribuíram os homens, no masculino, e muitos deles considerados pedras basilares da construção da civilização ocidental: Aristóteles, Aristófanes, Hesíodo, Juvenal, Tertuliano, São Tomás de Aquino, Maomé, Diderot, Montaigne, Molière, Santo António, Lutero, Erasmo de Roterdão, Baudelaire, Napoleão, Balzac, Rousseau, Proudhon.<sup>6</sup>

Esta mentalidade medieval de Guillaume de Lorris (1230), embora posta em causa por Christine de Pizan (séc. XV) ou Cornelius Agrippa na sua *declamatio* «Da nobreza e superioridade do sexo feminino»<sup>7</sup> (séc. XVI) só se foi modificando com as Luzes. Em França basta lembrar os discursos incendiados das primeiras vozes e organizações feministas e a conseqüente *Declaração dos Direitos da Mulher*, de Olympe de Gouges, em 1791). Em Portugal, a organização de festas e bailes nos palácios e nas ruas ou a construção do Passeio Público pelo Marquês de Pombal permitiam à mulher maior sociabilidade e aceitação. Mas foi sobretudo através da atitude de mulheres que se foi forçando a mudança das mentalidades (não só dos homens mas também das próprias

<sup>1</sup> LOPES, MARIA ANTÓNIA, *Mulheres, espaço e sociabilidade*, Livros Horizonte, Lisboa, 1989, pág. 17-18.

<sup>2</sup> Ordenações Filipinas. Liv 4, t.61 pr., ed. Fundação Cal. Gulbenkian, vol.3, 1985, p.858 In *Idem*, pág. 21.

<sup>3</sup> *Idem*, pág. 20.

<sup>4</sup> *Idem*, pág. 17 e 36.

<sup>5</sup> MONTERO, ROSA, *Histórias de mulheres*, Ed. Asa, 2000, pág. 20.

<sup>6</sup> CRUZ, MARIA ALFREDA e CARVALHO, MARIA MANUELA, *Mulheres em movimento*, cap. I, *Livro do Génesis*, e cap. II, *A caixa de ferramentas da misoginia*, Ed. Ela por Ela, Lisboa, 2004, pág. 31-88.

<sup>7</sup> GOMES, CRISTINA VILAS, Cornelius Agrippa na sua *declamatio* «Da nobreza e superioridade do sexo feminino», Tese de mestrado, FLUP, 2022. Consultado em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/146061/2/594564.pdf> a 03 de junho de 2024.

mulheres), assumindo a sua força, a sua dignidade, a sua capacidade de intervenção social<sup>8</sup>.

Porém, essa mudança foi acontecendo muito lentamente, primeiro em França, na Inglaterra, na Finlândia. Em Portugal chegavam os ecos desses movimentos nos inícios do séc. XX e criavam-se os primeiros movimentos feministas, como a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1908), ou a Associação da Propaganda Feminista (1911) – onde se destacaram figuras como Ana de Castro Osório, Carolina Beatriz Ângelo ou Maria Veleda – que, no entanto, segundo João Esteves, não tiveram grande impacto nem grandes resultados, e não abalaram de forma eficaz a mentalidade da época: esses programas-discursos eram dirigidos a uma pequeníssima minoria de mulheres conscientes e cultas e a alguns homens<sup>9</sup> (deve lembrar-se que em 1910 o índice de analfabetismo superava os 75%) e, desse modo, não possuíram capacidade mobilizadora. Além disso, esses movimentos não assumiam uma militância ou uma ideologia política, estavam mais centradas na valorização e no reconhecimento profissionais e na dignidade da mulher<sup>10</sup>.

As primeiras décadas do séc. XX vivem-se de instabilidade, anarquia e perturbação. Com o fim da monarquia, a novíssima república enfrenta enormes perigos e dificuldades que os primeiros governantes tentam mitigar<sup>11</sup>. Porém, as rivalidades não tardam a chegar – e a eleição e queda de sucessivos governos, as conspirações monárquicas, a primeira Guerra Mundial, os conflitos sociais, as greves, a emigração, as epidemias, os atentados políticos, a crise de autoridade, as revoltas militares, enfim, todo um conjunto de «números circenses» viriam a resultar na imposição da ordem através duma solução à espanhola ou à italiana, isto é, o «Estado Novo», o qual viria a exercer programaticamente a repressão sistemática das mulheres.

No início do séc. XX, a maioria da população portuguesa vivia do (no) campo e na mais completa miséria. Durante este período (1910-1930), a condição feminina é absolutamente degradante: a maioria vivia do trabalho no campo, à mercê da miséria; 77,5% com mais de sete anos não sabiam ler nem escrever<sup>12</sup>; apesar dos esforços de aumentar as escolas e de reformar a condição da mulher, o analfabetismo em 1930 mantinha-se nos 62% e os movimentos feministas da primeira década não conseguiram impor verdadeiras mudanças na situação da mulher, e que viria a agravar-se com o Estado Novo. De recordar que, durante a 1.ª Grande Guerra, foram as mulheres que asseguraram a força produtiva em troca da promessa dos direitos ao voto e ao emprego; não obstante, quando os homens regressaram a casa, logo se viram privadas dos direitos prometidos.

Nesta condição, as mulheres eram, assim, presas fáceis de fanáticos e videntes, charlatães e demagogos, patrões e sedutores.

É neste contexto que as mulheres de Ferreira de Castro, isto é, as personagens femininas dos seus romances, se movimentam. Elas correspondem realisticamente aos padrões da época: têm pouca ou nenhuma formação/educação; trabalham os campos para sustentar ou ajudar a família; não possuem identidade política; são mulheres donas de casa; alvitram as suas femininas ambições que é, para as mães, arranjar um bom partido para a filha, ou, para a filha, encontrar o seu príncipe mais ou menos perfeito; rara exceção é a mulher instruída e civilizada.

No livro *A sua mulher – manual de instruções para homens*<sup>13</sup>, em que Martin Baxendale tenta humoristicamente mostrar como um homem moderno deve apelidar a sua caríssima esposa, o autor avança algumas designações com que elas podem ser invocadas: «querida; fofinha; doçura; pombinha; amor da minha vida»; etc.

<sup>8</sup> LOPES, MARIA ANTÓNIA, *Mulheres, espaço e sociabilidade*, Livros Horizonte, Lisboa, 1989, pág. 198.

<sup>9</sup> ESTEVES, JOÃO, *As origens do sufrágismo português*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 1998, pág. 182.

<sup>10</sup> *Idem*, pág. 182.

<sup>11</sup> MARQUES, OLIVEIRA, *História de Portugal*, vol. III, Ed. Presença, Lisboa, 1998, pág. 248 e ss.

<sup>12</sup> *Idem*, pág. 347.

<sup>13</sup> BAXENDALE, MARTIN, *A sua mulher – manual de instruções para homens*, Leianaia, Lisboa, 1999.

Em nenhuma das obras de Ferreira de Castro aparece qualquer destas designações. Estamos num tempo e num lugar em que a mulher, apesar dos avanços legislativos, ainda não é percebida como igual e, por isso, os afectos do homem não se reflectem num tipo de linguagem de grande proximidade ou intimismo.

## 2. A mulher mortificada

Em *Emigrantes*<sup>14</sup>, encontramos uma mulher rústica (similar, aliás, a outras de outros romances), inserida num meio social subdesenvolvido, muito distante da civilização, que vive do trabalho do campo e das lides domésticas. Uma mulher humilde, que mais nada ambiciona que continuar a ter que comer e a ter saúde ao lado do marido. «*E graças a Deus por não te faltar com a saúde...*»<sup>15</sup>, reza Amélia. E, mais tarde, casar a filha com um homem honrado. É uma mulher submissa, mas desassossegada pela separação que adivinha desastrosa.

Assim é também Deolinda, que logo se derrama em lágrimas quando sabe da funesta partida do pai. «*Basta de choradeiras! (...) Já se viu uma coisa assim! (...) As mulheres da Frágua estão acostumadas a trazer os homens debaixo das saias...*»<sup>16</sup>. Porém, a choradeira não finda, porque à notícia da partida se junta a notícia da hipoteca das courelas a homem de má fama. «*O que está dito, está dito! E tratem do caldo, em vez de estarem para aí feitas carpideiras.*»<sup>17</sup>. Todavia, as suas lágrimas são a representação da mulher que, no início do séc. XX, viu constantemente, desesperadamente, o seu homem a partir, para o Brasil, para a América do Norte, fascinante miragem, mas vazia ilusão.

«*A Amélia e a Deolinda ainda chorariam?*», pergunta inquieto Manuel da Bouça<sup>18</sup>. Sim, choravam, «*escabujando entre lágrimas*»<sup>19</sup>. Choraram à partida e chorariam até ao fim da vida, pelo menos Amélia que, como confessa em carta, «*Não imaginas as lágrimas que tenho chorado (...) que eu sei como tu estimavas aquelas nossas ricas terrinhas.*»<sup>20</sup>.

## 3. A mulher medieval

Também rústica é a mulher de *Terra Fria*<sup>21</sup>. Mas uma mulher mais velha, mais antiga, que viveu isolada desde os tempos medievais, no meio do gado e dos montes, fustigada pela miséria, em «*casebres de pedra solta, escurecida pelo tempo, e cobertos de colmo*»<sup>22</sup>, por onde o frio gelado do inverno investe furiosamente. É uma mulher de «*profundos sulcos no rosto*»<sup>23</sup> que enrijou à conta não só do trabalho árduo nos campos mas também à conta do isolamento dos séculos. Rija de peles e de têmpera, só os olhos arremedavam a esplandecente vida das lareiras. Suja, vestida sempre com os mesmos trapos, cheira a fumo e a esterco, coisa que ninguém nota porque todos andam «*por entre pegadas e excrementos de porcos e de vacas*»<sup>24</sup>. O que lhe falta em comunicação não lhe falta em comunidade. Mas nem todas são iguais.

Em termos estéticos, mesmo a mais jovem é «*pobre em belezas femininas*»<sup>25</sup>. Assim é Ermelinda, mulher de Leonardo, rapariga na perspectiva de Santiago mais ou menos jeitosa, e que vai servindo para os desamparos.

<sup>14</sup> CASTRO, FERREIRA DE, *Emigrantes*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1984.

<sup>15</sup> Idem, pág. 18.

<sup>16</sup> Idem, pág. 17.

<sup>17</sup> Idem, pág. 18.

<sup>18</sup> Idem, pág. 56.

<sup>19</sup> Idem, pág. 54.

<sup>20</sup> Idem, pág. 165.

<sup>21</sup> CASTRO, FERREIRA DE, *Terra Fria*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1985.

<sup>22</sup> Idem, pág. 12.

<sup>23</sup> Idem, pág. 10.

<sup>24</sup> Idem, pág. 14.

<sup>25</sup> Idem, pág. 19.

Submissa, como quase todas as mulheres incultas, sem consciência da sua própria existência. E por isso, perante um gesto de sedução mais enérgico (do macho mas quiçá também do dinheiro), «*instintivamente obedeceu àquela voz. Era como se algo dela aluisse e se submetesse, dessorado de vontade, ao seu hábito de obediência e de respeito a Santiago. Desvaneceu-se a irritação e, sentindo-se frágil, trémula, humilde, agarrou, à porta da cozinha, o jarro (...)*»<sup>26</sup>. E assim engravidou. Do senhorio. De Santiago. De um senhor feudal, a quem o dinheiro americano fez poderoso, a quem as mulheres tudo devem, e de quem pode consecutivamente abusar: a esposa açoriana; Adélia, a criada; agora Ermelinda; mais tarde a filha da Picheleira, a Guida de 18 aninhos muito sensuais.

#### 4. A mulher frouxa

Mas esta Ermelinda também é frouxa, mulher como «*nunca se vira em Barroso!*»<sup>27</sup>; e será frouxa até ao ponto de deixar Leonardo ser acusado pelo assassinio que, despeitada e cheia de remorsos, cometeu. Não é como a mãe: «*Porca! E és tu minha filha!*»<sup>28</sup>, grita desonrada D. Mariana. «*É a nossa vergonha!*»<sup>29</sup>. A honra, que é para os pobres talvez a única manifestação de dignidade. Mariana defende-a. E por essa razão teria dado um enxerto de porrada à mãe do americano se a Domingas Picheleira, a mãe da Guida de 18 anos bonitos, não se lhe adiantasse no propósito: «*Já não é preciso incomodar-se. (...) Elas já têm a sua conta. (...) Caminha e vinagre nas canelas.*»<sup>30</sup>.

Esta Rita alcoviteira, matrona degenerada, configura porém um tipo de mulher manipulada pela vontade dos homens, neste caso do próprio filho que dava porrada na mulher açoriana, um pedante usurário, arrogante e entediado, que deixa escorregar uns míseros cobres para encher a barriga das fêmeas e as mandar parir a Lisboa.

De frouxa também se pode qualificar Cecília, a mulher de Albano, em *A Tempestade*<sup>31</sup>. Mulher da cidade a quem os pais deram uma educação requintada, é culta, instruída, distinta, refinada; «*bem vestida, bem-falante, bem-educada*»<sup>32</sup>. Bela, de ondeados cabelos negros, rosto oval, pele sem rugas, pálpebras longas e nariz de linhas correctas, lábios grossos e glamorosos; enfim, encantadora. Sabe inglês e francês e, podemos depreender, uma série de coisas úteis para concretizar o ideal da mulher à época. Tinha «*superioridade sobre todas as mulheres que haviam passado na sua vida*»<sup>33</sup>.

Porém, ela sabe que nem toda a educação que recebera fora suficiente para triunfar, pois «*os meus pais haviam tido comigo um único cuidado: educarem-me para me casar, sem jamais me terem habituado ao trabalho.*»<sup>34</sup>. A educação sentimental, a educação para o amor, velho problema social que o atento Eça, secundando Flaubert, já denunciara: «*ménagère ou courtisane*», ironizava Proudhon. Era para isso que as mulheres eram educadas. Delas pouco mais se esperava. Cecília confessa: «*Fiz todos os esforços para obter um emprego; bati toda a cidade, incomodei todas as pessoas conhecidas, mas tudo isso foi inútil. (...)*»<sup>35</sup>; «*(...) depois de te conhecer, ainda tentei, de novo, empregar-me para evitar casar contigo. Não fui mais feliz que das outras vezes.*»<sup>35</sup>. Perante esta renúncia social, esta rejeição que é endémica, que corre nas veias de um sistema machista, quebra-se-lhe o ânimo. Casara com Albano para sustentar hábitos de requinte. Blandiciosa

<sup>26</sup> Idem, pág. 142.

<sup>27</sup> Idem, pág. 128.

<sup>28</sup> Idem, pág. 154.

<sup>29</sup> Idem, pág. 123.

<sup>30</sup> Idem, pág. 130.

<sup>31</sup> CASTRO, FERREIRA DE, *A Tempestade*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1985.

<sup>32</sup> Idem, pág. 43.

<sup>33</sup> Idem, pág. 18.

<sup>34</sup> Idem, pág. 166.

<sup>35</sup> Idem, pág. 167.

inicialmente, tornara-se rabuja e insatisfeita. O seu sacrifício não tem retorno. Por isso, cede a um antigo amor – «*Todas as segundas-feiras, quartas e sextas, na Avenida 5 de Outubro, trezentos e oitenta e dois, por cima do consultório médico*»<sup>36</sup>. «*Existem, eu sei, mulheres mais enérgicas do que eu, que conseguem vencer-se por muito que sofram (...). A verdade é que o meu temperamento parece não ser assim e que uma atração irresistível me levava para ele.*»<sup>37</sup>. E já toda a gente sabe dos seus encontros. A Albano dói-lhe o corno, e disparata até com os amigos. Não sabe bem como reagir, tenta «*dominar o asco e a fúria*»<sup>38</sup>; não sabe se a esbofeteia, se a pisa, se a esgana, se a mata e depois lhe cospe em cima: «*A cabra*»<sup>39</sup>. Enfim, reacções tempestuosas de quem sente aquele... incómodo. Só confirmado nas cartas finais de Cecília a que Albano deixa escapar o revoltoso desabafo: «*Cínica! Barregã! (...) Ainda por cima se queixa, a desavergonhada!*»<sup>39</sup>.

## 5. A mulher virtuosa

Há também mulheres virtuosas nos romances de Ferreira de Castro. Falámos já da Domingas Picheleira e da D. Mariana, que afrontaram quem lhes roubou a honra das filhas e da família.

Outro exemplo é Idalina, em *A Lã e a Neve*<sup>40</sup>, moça que vive em Manteigas em condições semelhantes às de Ermelinda na *Terra Fria*, num casinhoto «*todo negro de fuligem*»<sup>41</sup>, mas que persiste na virtude, na lealdade, na esperança.

«*Um bom palmito de cara*»<sup>42</sup> que seduz os rapazes até de Gouveia. Tem noção daquilo que vale como mulher. Trabalha ajudando os pais até que Horácio regresse e cumpra a sua promessa. É uma promessa de paraíso, à maneira de Eros e Psiquê<sup>43</sup>, uma promessa de felicidade eterna, ser feliz para sempre, ao seu lado, vivendo numa casa arranjadinha, enfeitada de muitos filhos. «*Ainda esta manhã eu vinha no comboio a pensar como serei feliz quando tivermos crianças.*»<sup>44</sup>; «*Havemos de ser muito felizes, verás!*»<sup>45</sup>. Ela acredita nele, mesmo intuindo que os obstáculos não tardarão a surgir. É perseverante, mesmo quando os seus pais já desfalecem das palavras de Horácio. Há nela toda uma consciência feminina que vê para além do entendimento. Por isso, mantém-se firme no amor que lhe reserva, e não vacila perante as investidas de Horácio a iniciar sexualmente: «*Estás doido?*»<sup>46</sup> – seja pela mãe que lhe bateu quando suspeitou de já ter acontecido, ou por ela porque «*Nós sofremos por vocês, e vocês, depois de fartos, deixam-nos como a um cão.*»<sup>47</sup>. E por esse motivo insiste no casamento, modo de firmar este amor que é puro e desinteressado.

Mas Idalina continua a surpreender seja pela abnegação em favor do marido, seja pela energia que emana: abdica do seu sono reparador para servir de despertador a Horácio quando ele já é operário na Covilhã<sup>48</sup>; administra a vida doméstica quando Horácio lhe pede para governar o dinheiro<sup>49</sup>; com aturada paciência, escuta Horácio quando ele se revolta com a insuficiência do salário<sup>50</sup>; propõe-se a trabalhar para que consigam obter

<sup>36</sup> Idem, pág. 71.

<sup>37</sup> Idem, pág. 169.

<sup>38</sup> Idem, pág. 53.

<sup>39</sup> Idem, pág. 171.

<sup>40</sup> CASTRO, FERREIRA DE, *A Lã e a Neve*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1985.

<sup>41</sup> Idem, pág. 20.

<sup>42</sup> Idem, pág. 148.

<sup>43</sup> JOHNSON, ROBERT, *Ela - chaves para a psicologia feminina*, Difusão Cultural, Lisboa, 1989, pág. 32-34.

<sup>44</sup> CASTRO, FERREIRA DE, *A Lã e a Neve*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1985, pág. 13.

<sup>45</sup> Idem, pág. 17.

<sup>46</sup> Idem, pág. 177.

<sup>47</sup> Idem, pág. 179.

<sup>48</sup> Idem, pág. 251.

<sup>49</sup> Idem, pág. 253.

<sup>50</sup> Idem, pág. 255.

rendimento suficiente para as despesas<sup>51</sup>; regateia no mercado com as vendedeiras disputando todos os tostões possíveis<sup>52</sup>; reclama, ainda que sem sucesso, para que o filho seja aceite no lactário<sup>53</sup>; é conciliadora e apaziguadora quando o marido começa a perder a esperança de conseguir subir na vida e encontrar justiça na casa nova que nunca haverá de aparecer<sup>54</sup>.

Mais surpreendente é pelo modo como ela se manifesta e se movimenta neste mundo de vontades masculinas. Age sempre de um modo enérgico mas suave e delicado; ela é elegante na rudeza que a cerca; é educada nas palavras que mede; é sensata nas atitudes que toma.

Virtuosa no amor, firme nas convicções, perseverante num futuro menos que certo. Mulher a quem só falta uma consciência social que vai crescendo no meio das mulheres que na praça da Covilhã pedem pão.

## 6. A mulher-objeto

Em mais do que um romance de Ferreira de Castro podemos encontrar a mulher tratada como um objecto, qualquer coisa que se usa e se deita fora. Numa sociedade grandemente machista em que a mulher procura o seu lugar pugnando por uma dignidade verdadeiramente humana, os homens continuam a vê-la com todos os defeitos que herdou desde os tempos de Eva. Não trabalha como um homem, tem menos força e menos inteligência e, por isso, deve aceitar, na sua modéstia, a submissão e ocupar o seu lugar: em casa a guardar os filhos ou na rua a servir os homens. São estes que, na sua rudeza de bichos e na incapacidade de controlar a pulsão libidinal, a desejam para sua satisfação. Em *A Selva*, a jovem filha de Lourenço anda na mira de Agostinho; Cecília, em *A Tempestade*, é constantemente assediada em troca de «vagas promessas de proteção» e de um possível emprego, sofrendo humilhações através de «olhares que me indicavam bem qual o preço a pagar»<sup>55</sup>; em *Terra Fria*, o cortejo de mulheres vai desfilando para servir Santiago; a órfã Clarinda, em *A Experiência*, primeiro, teve de se sujeitar ao filho da Dona Ludovina a quem servia e, depois, já mais velha, para sobreviver teve de se desenrascar num sujo bordel de uma travessa obscura de Lisboa, porque a sociedade, mal organizada, não soube educá-la e prepará-la para ser útil com dignidade.

Num país retrógrado e analfabetizado, predominam «estruturas sociais injustas» que «criam e reproduzem vidas individuais infelizes»<sup>56</sup>, como destaca Miguel Real. Clarinda nunca teve, por isso, a mínima hipótese. E as outras, mesmo que cultas, são olhadas, na sua existência, como objecto para servir.

## 7. A mulher cosmopolita

Distante de praticamente todas as personagens femininas tratadas por Ferreira de Castro está Elisabeth, em *Eternidade*<sup>57</sup>. Mulher de um industrial romeno a laborar em Londres (Baltenaus), constitui um retrato de pessoa muito instruída, civilizada, com mundo viajado. Acompanha o marido, com quem casou por ser tão pródigo em «gentilezas e blandícias»<sup>58</sup>, mais do que pelo amor que lhe não tinha. Entende que o mundo não é só preto e branco e por isso aceita-o.

Elisabeth é uma bela mulher, de traços nórdicos, loira, de grandes olhos claros e transparentes e atraentes

<sup>51</sup> Idem, pág. 262.

<sup>52</sup> Idem, pág. 254.

<sup>53</sup> Idem, pág. 310.

<sup>54</sup> Idem, pág. 312.

<sup>55</sup> CASTRO, FERREIRA DE, *A Tempestade*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1985, pág. 166.

<sup>56</sup> REAL, MIGUEL, *A Experiência – um notável romance*. Consultado em <http://sintradeambulada.blogspot.pt/2014/06/ferreira-de-castro-evocado-por-miguel.html> a 03 de junho de 2024.

<sup>57</sup> CASTRO, FERREIRA DE, *Eternidade*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1984.

<sup>58</sup> Idem, pág. 62.

linhas arredondadas. Está por isso destinada a um grande amor, que não encontra no marido actual, a quem inicialmente não deixa por compaixão pela doença que o abate. Os seus hábitos não são os das mulheres portuguesas, nem as da cidade nem as do campo. Possuidora de uma larga cultura, transparece uma forma de vida leve, aérea, desinteressada. Assume a paixão por Juvenal desde os dias em que o conhece em Sintra e, ainda que não esperando nada, deseja poder dedicar-se-lhe. Confessa-lhe abertamente o seu amor através de uma capacidade de comunicação invulgar, que entende o sofrimento e o interpreta: «*Compreendo bem a sua dor e talvez gostasse menos de si se não fosse assim fiel, como é, à memória dela [Helena]*»<sup>59</sup>. Se não aparece com todo o catálogo das virtudes de Idalina, Elisabeth é, contudo, uma mulher especial pelo modo inteligente e sensível como lê o mundo e as variantes emocionais. Perante um Juvenal angustiado, afaga-lhe a solidão e a amargura existencial com palavras e gestos de ternura: «*Meu amor! Aonde o leva o seu sofrimento, a sua ansiedade! Eu compreendo tão bem o drama da sua alma!*»<sup>60</sup>. E quando Juvenal, no monte, argumenta sobre a morte e a possibilidade de um dia o homem a matar, não se retrai e objecta: «*Não! Não acredito! (...) Seria até revoltante que isso acontecesse. Seria injusto que nós tivéssemos sofrido não querendo sofrer, que tivéssemos morrido não querendo morrer, enquanto os outros, os vindoiros...*»<sup>61</sup>. Assume a voz da sensatez, da razão em defesa de todos os homens que estão vivos e para os quais seria injusto um dia haver eternidade. Por isso, alega, quase antifilosoficamente, que não deseja a eternidade mas sim a felicidade: «*Bem basta a vida que já vivemos. Pelo prazer que ela nos dá...*»<sup>62</sup>. Evidentemente, Elisabeth não vive a vida de dificuldades que vive a maioria dos portugueses à época. Mas, como eles, procura, à sua maneira, a felicidade que todos ambicionam. Por isso, no final, abdica das comodidades da vida abastada com o marido rico e arrisca acompanhar o exílio de um Juvenal condenado mas a quem profundamente ama. Finalmente juntos, numa estima profunda, «*feita de inefáveis ternuras e de mútua compreensão*»<sup>62</sup>; «*Todo o mundo é bonito e a vida é bela, mesmo sem conforto, quando se ama verdadeiramente alguém*», afirma na conclusão do romance<sup>63</sup>.

Mulher cosmopolita pela maneira como conhece o mundo, como o vê, como se apercebe das mudanças sociais<sup>62</sup>, como comunica, como lê os estados de espírito, como conforta e transmite esperança. Porém, também sem sentido de classe e/ou de militância política.

## 8. Conclusões

No fim de contas, o que verificamos nos romances de Ferreira de Castro é que as personagens femininas são um fiel retrato das mulheres da época. Num estilo realista, o escritor capta-nos os vários ambientes de um Portugal que, embora em mudanças motivadas por ventos exteriores, teima em manter-se conservador nos hábitos e nas políticas. Se arriscou leis que, no início da Primeira República, eram um sinal de mudança na condição da mulher, no entanto na prática isso não teve efeitos duradouros e a mudança das mentalidades não se operou. Desse modo, as mulheres continuavam sem a dignidade merecida, social e profissionalmente. Nos lugares mais afastados da civilização, isto é, nas aldeias do interior, a mulher rude e terrosa mantinha os hábitos ancestrais de dona de casa que sobrevive do campo e de um serviço aos mais abastados numa relação mais ou menos feudal. Nas cidades, apesar de sensíveis, inteligentes e aptas, sentiam a falta de um lugar no mundo e viviam vidas sem sentido porque subordinadas a normas de cultura patriarcal. A estas desigualdades, Ferreira de Castro atribui, ainda, e surpreendentemente, a responsabilidade não só às estruturas sociais (à família que educa, ao sistema

<sup>59</sup> Idem, pág. 71.

<sup>60</sup> Idem, pág. 135.

<sup>61</sup> Idem, pág. 133.

<sup>62</sup> Idem, pág. 243.

<sup>63</sup> Idem, pág. 238.

patriarcal, à concepção masculina) mas também à própria Natureza. É Adriano, amigo do marido de Cecília, quem afirma em *A Tempestade*: «Tudo isto está muito mal feito: o que fizeram os homens e até o que a natureza fez. Era preciso fazer tudo de novo...»<sup>64</sup> – ainda que não especifique o que de mal fez a Natureza.

É, assim, imperativo para Ferreira de Castro um trabalho, ético, social, político, que ultrapasse não só as injustiças criadas pelos homens mas também que anule os defeitos que a própria Natureza impôs à Humanidade de modo a que as mulheres deixem de ser «*O segundo sexo*», expressão que definitivamente marca, na obra de Simone de Beauvoir (1949), a consciencialização feminista moderna.

Até à assumpção da plena paridade de direitos e de compromissos/responsabilidades em espaços públicos, sociais, políticos e culturais de que hoje nós, os ocidentais, nos orgulhamos de ostentar, ainda terá de ser percorrido um longo caminho. Os anos 60 do séc. XX (que discute a igualdade dos direitos dos géneros: diferenças radicais dos corpos e das autodeterminações individuais vinculadas às opções da mente, que lhes subscreve as orientações sexuais e afectivas e a descriminalização de opções – aborto, orientação sexual, etc.) serão uma das etapas fundamentais; a catapultar essa revolução, acontecem o já atrasado direito ao voto feminino em França em 1945 (1906 na Finlândia; 1918 em Inglaterra); a Declaração Universal dos Direitos do Homem (centrada no conceito neutral do ser humano) em 1948; a descoberta da pílula em 1952; e o Tratado de Roma, em que se consagra o direito à igualdade de oportunidades para homens e mulheres em 1957. Pelo meio, muitos recuos e estrangimentos: em Portugal, mantinham-se periódicos como o *Jornal Beija-flor* (1938), que publicava *O Alfabeto feminino*<sup>65</sup> [«a) amiga de sua casa; b) ...; z) devota da virgem; mansa, quieta, regrada; humilde.»]; com a Constituição de 1933, Salazar subjuga a figura feminina «*em razão do sexo*» e «*em razão da família*»<sup>66</sup>.

Em 1999 (traduzida em Portugal em 2001), com base em múltiplos avanços e dados científicos relevantes, a provocatória obra da antropóloga americana Helen Fisher defendendo que a mulher é «*O primeiro sexo*»<sup>67</sup> surge como marco não de vitória mas de exigência contínua: glosando o título da grande escritora francesa (Simone de Beauvoir), assinala definitivamente o arranque de uma nova vaga de feminismo, a 3.<sup>a</sup>, a de hoje, que continua a lutar contra todo o tipo de exclusões e segregações. E conclui a autora americana que as faculdades excepcionais das mulheres cultivadas na história profunda aliadas à tradição de rebelião e independência sustentarão aquilo que pode vir a ser, na sociedade global do séc. XXI, «*a era das mulheres*»<sup>68</sup>. Ferreira de Castro já não assistiu a esta enorme viragem, mas contribuiu, a seu tempo, com ousadas palavras e uma desassombrada postura, para que as mulheres sejam hoje consagradas, ontológica e fenomenologicamente, como semelhantes aos homens, na sua igualdade, na sua responsabilidade e em toda a sua individualidade.



<sup>64</sup> CASTRO, FERREIRA DE, *A Tempestade*, Círculo de Leitores, Lisboa, 1985, pág. 177.

<sup>65</sup> CRUZ, MARIA ALFREDA e CARVALHO, MARIA MANUELA, *Mulheres em movimento*, Ed. Ela por Ela, Lisboa, 2004, pág. 81.

<sup>66</sup> PIMENTEL, IRENE, *O Estado Novo, as mulheres e o feminismo*, in TAVARES, MANUELA e ALMEIDA, TERESA SOUSA DE, *O longo caminho das mulheres*, Dom Quixote, Lisboa, 2007, pág. 95.

<sup>67</sup> FISHER, HELEN, *O primeiro sexo*, Editorial Presença, Lisboa, 2001, pág. 18.

<sup>68</sup> Idem, pág. 19.